

03 de março de 2017

- **Defesa e Relações Exteriores realizam o 2º Seminário de Coordenação sobre Cenários Comparados***
- **Conheça o local onde a Embraer realizará avaliações de congelamento artificial do KC-390***
- **Marinha indiana será equipada com sistemas SRSAM MBDA***
- **Quando o público e o privado se encontram**

Defesa e Relações Exteriores realizam o 2º Seminário de Coordenação sobre Cenários Comparados*

O Instituto Brasileiro de Estudos em Defesa Pandiá Calógeras (IBED), do Ministério da Defesa, e o Instituto de Pesquisas em Relações Internacionais (IPRI), do Ministério de Relações Exteriores, realizam nos dias 2, 9 e 16 de março o 2º Seminário de Coordenação sobre Cenários Comparados. O objetivo do evento, que é dirigido aos públicos internos de ambos os ministérios, é promover uma aproximação em nível político e estratégico, buscando fortalecer e ampliar a colaboração hoje existente.

O 1º Seminário de Coordenação MD-MRE ocorreu em dezembro de 2016, com o propósito de buscar convergências entre as agendas dos Ministérios da Defesa (MD) e das Relações Exteriores (MRE). Naquela ocasião o ministro da Defesa, Raul Jungmann, disse que esses diálogos são importantes não só para a defesa, mas para Relações Exteriores e para o Brasil, porque contribui muito para os conceitos, as abordagens, as convergências e divergências de ambos Ministérios.

Fonte: Ministério da Defesa

Data da publicação: 03 de março

Link: <http://www.defesa.gov.br/noticias/28830-defesa-e-relacoes-exteriores-realizam-o-2-seminario-de-coordenacao-sobre-cenarios-comparados>

Conheça o local onde a Embraer realizará avaliações de congelamento artificial do KC-390*

A Base Aérea de Eglin é uma instalação militar de grandes proporções, mesmo para os padrões da USAF (Força Aérea dos EUA). Localizada entre as comunidades de Valparaiso e Lake Lorraine (estado da Flórida), a base cobre uma área de superior a 1,8 mil km².

São diversas as unidades militares ali estacionadas, sendo que atualmente boa parte das instalações está voltada para a introdução do F-35 em serviço. Ali estão a 33rd Fighter Wing (unidade de treinamento e manutenção de caças F-35), o 58th Fighter Squadron (treinamento de pilotos de F-35A) e o VFA-101 da Marinha (treinamento do F-35C).

Mas além dessas e outras unidades, a Base Aérea de Eglin também hospeda o 96th Test Wing. A unidade é responsável pelo desenvolvimento, aquisição e ensaios em voo de armamentos, sistemas de guiagem, navegação, comando e controle.

Subordinado ao 96th Test Wing está o McKinley Climatic Laboratory. Trata-se de um hangar refrigerado especialmente construído para testar aeronaves em clima extremos. O hangar foi erguido em 1947 e desde então gerações e gerações de aeronaves foram testadas ali sob condições severas e controladas. Aviões como P-51, P-80, F-22, F-117, F-35, C-5A e muitos outros já foram testados nas instalações.

Mas não só aeronaves militares passaram pelo hangar 440 (como é comumente referida a instalação). Aeronaves civis como o Boeing 787 e o Airbus A350 também foram avaliadas sob baixas temperaturas. Como se vê o hangar conta com dimensões consideráveis para ensaiar um leque amplo de aeronaves, incluindo helicópteros.

A câmara principal possui 77 m de largura por 79 m de comprimento e 21 m de altura. Temperaturas entre -54°C e 74°C podem ser simuladas, assim como neve, chuva, vento, areia e poeira. Há também uma câmara menor para testes de motores, veículos menores (blindados e carros de passeio entre outros) e unidades de potência. Por fim existem outras câmaras acessórias que simulam: sol, vento, chuva e poeira; ambientes corrosivos (alta salinidade) e altas altitudes.

O hangar 440 é a maior das instalações, mas o complexo conta também com um escritório, um prédio para instrumentação, uma planta para produção de vapor e uma célula para teste de motores.

Embora as instalações permitam a simulação do clima de qualquer região do globo terrestre a Embraer, assim como a FAB, está interessada em um ambiente específico. Conhecer o desempenho do KC-390 em condições de temperaturas muito baixas uma vez que uma das funções do KC-390 será substituir o C-130 Hercules nas missões ao continente antártico.

Além disso há o possível interesse de outros clientes que eventualmente operariam a aeronave sob condições mais frias durante boa parte do ano. Os testes estão marcados para o final do ano e esperamos que o KC-390 cumpra mais essa etapa com sucesso.

Veja nas fotos abaixo algumas aeronaves que já passaram pelas instalações do McKinley Climatic Laboratory.

Fonte: Poder Aéreo

Data da publicação: 03 de março

Link: <http://www.aereo.jor.br/2017/03/03/conheca-o-local-onde-a-embraer-realizara-avaliacoes-de-congelamento-artificial-do-kc-390/>

Marinha indiana será equipada com sistemas SRSAM MBDA*

Os sistemas SRSAM irão substituir os Barak 1 israelenses e os obsoletos sistemas de armamento de combate de proximidade russos. A empresa francesa MBDA concordou em transferir para a DRDO da Índia tecnologia de SRSAM de lançamento vertical.

A Índia emitiu um pedido global de informações (RFI, sigla em inglês) para adquirir um sistema de lançamento vertical de mísseis superfície-ar de curto alcance (SAM) para montagem a bordo de navios da Marinha Indiana e que seria utilizado para defesa antimíssil, assim como contra outros alvos aéreos identificados pela Marinha Indiana. Com este RFI, a Marinha iniciou um processo bastante aguardado para substituir o sistema de defesa aérea Barak 1.

Em um documento de 14 páginas, a Marinha diz: "O sistema, para uso em quaisquer condições de tempo, deve ser capaz de receber dados do radar de vigilância aérea.

Exigências para a instalação de radar de vigilância aérea/radar de controle de fogo dedicado. Os fornecedores devem especificar a viabilidade de usar radares existentes como Fregat MAE, Fregat M2EM, AMDR2D, AMDR 3D, RAWL 08/02, MFSTAR, 3D SAR."

O RFI diz que o sistema de mísseis deve ser adequado para atacar alvos com velocidades de até Mach 3. A Marinha pediu aos fornecedores para especificarem a velocidade máxima com as condições de qualificação, se houver, por exemplo, altitude de voo, fases de voo, etc.

Os vendedores terão de fornecer detalhes do tipo de orientação (Linha de Comando da Vista, Ligação de Dados, Navegação Proporcional, etc.) e estabilização do míssil para rolamento, inclinação e guinada. O documento não revela o alcance que a Marinha requer.

A Marinha Indiana pediu detalhes de todo o sistema de controle de fogo incluindo alvos que podem ser combatidos simultaneamente e o número de tripulantes necessário para operar o sistema.

O concurso deverá ser lançado no terceiro trimestre de 2017. "Os fornecedores devem indicar o prazo provisório mais curto para o fornecimento da referida quantidade de sistemas SR SAM", diz.

A Marinha exige um sistema de lançamento vertical com cobertura de 360° para atacar alvos hostis. No ano passado, a MBDA apresentou um lançamento vertical estático simulado de SRSAM na Defense Expo de Goa, na Índia. O SRSAM de 100 kg da MBDA é um míssil da classe Mach 3, com um alcance de 40 km.

A MBDA afirma que a probabilidade de abater um alvo com um único disparo é de pelo menos 70 por cento para o disparo de um único míssil e de 85 por cento para uma salva

de dois mísseis. Fontes disseram que DRDO também está trabalhando independentemente em um projeto doméstico de SRSAM.

Fonte: Defesanet

Data da publicação: 03 de março

Link: <http://www.defesanet.com.br/naval/noticia/24990/Marinha-indiana-sera-equipada-com-sistemas-SRSAM-MBDA/>

Quando o público e o privado se encontram

Por Eduardo Marson Ferreira

Joia da coroa do Sistema Telebras, a Embratel foi privatizada em 1998 e permitiu que milhões de brasileiros tivessem acesso a uma linha telefônica. Ou já se esqueceram que um dia telefone foi um bem tão caro e restrito que devia ser declarado no imposto de renda? O controle da empresa então passou para a Worldcom americana que viria a pedir falência em 2002 e virou alvo da cobiça de vários *players* mundiais, entre eles o bilionário mexicano Carlos Slim. Com esse pano de fundo, um amigo meu que trabalhava no Ministério da Defesa me disse: “Caramba, toda comunicação em Banda X do MD está pendurados satélites da Embratel, agora vai ficar na mão do Citi Group ou do mexicano! Absurdo!”. Perguntei a ele de onde se controlava o satélite e ele respondeu que era de Mangaratiba/RJ. “Olha, cara, se o americano ou o mexicano não se comportarem, coloca as tropas na estação terrestre de controle e opera você mesmo”, disse eu.

Claro que nada disso foi necessário e os Brasilsat ainda carregam boa parte da oferta de Banda X. Apenas para exemplificar que mesmo nas questões mais críticas da defesa, o encontro entre público e privado geralmente acaba em história de sucesso, algo que os

britânicos já descobriram há muito tempo. Em nenhum lugar do mundo as PPP ou Parceria Público-Privadas são usadas em tão larga escala para financiar as necessidades do Estado. Em 2008, 85% das compras públicas do Reino Unido já eram feitas nessa modalidade.

Num recente artigo aqui nesta coluna, falei sobre novas maneiras de pensar o *core business* das Forças Armadas e citei o exemplo dos súditos de Sua Majestade que já equipam a Marinha com meios de superfície ou seu MD com comunicação segura, oriundos de algum tipo de processo de PPP. Aquele amigo meu que criticava em 2004 o processo da Embratel ficaria maluco se soubesse que as comunicações seguras britânicas passam por *transponders* de Banda X alugados de um satélite francês!

Aqui no Brasil as coisas andam a passos de tartaruga desde o marco regulatório das PPP, a Lei número 11.079 de 2004. Desde lá, apenas 121 contratos foram assinados nos vários níveis de governo federal, estadual e municipal. A falta de consistência dos projetos e a dificuldade gerencial do Estado têm sido apontadas como causas prováveis desse número reduzido. No entanto, segundo o *site* Radar PPP, em junho de 2016 haviam no Brasil 734 projetos, de 29 segmentos, em 11 etapas do ciclo de vida de uma PPP, que vai da intenção pública até a assinatura do contrato.

É evidente que em tempos de dificuldades orçamentária a Parceria Público-Privada se apresenta como uma opção quase que solitária para responder às necessidades de investimento do Estado. Desde sua chegada ao cargo, o presidente Michel Temer tem deixado claro sua prioridade a essa atividade literalmente todos os prefeitos recém-eleitos passaram a falar de PPPs.

Na Defesa, existem hoje dez projetos de PPPs, a maioria deles ligados à saúde e educação, além de logística. A exceção é a Rede de Comunicação Integrada do DECEA, tema de artigos recentes na imprensa. Muito pouco para um setor que enfrenta sérias dificuldades orçamentárias e muito tímido para as pretensões de um país continental,

com Forças Armadas capilarmente distribuídas pelos quatro cantos deste imenso território.

Para mudar esse estado de coisas, é preciso que o MD e as forças singulares discutam as áreas que podem ser atraentes para o setor privado e se equipem para a modelagem das parcerias e sua execução, visando uma quantidade maior de projetos que fiquem de pé. E o mais importante: que mantem um canal de diálogo aberto com a iniciativa privada para que mais e mais Procedimentos de Manifestação de Interesse (OMI) surjam e possibilitem amenizar as arguras da falta de orçamento.

Fonte: Revista Força Aérea

Nº 104

* Não mencionado o autor no texto.